

MULHERES IMIGRANTES E TRABALHO EM PORTOALEGRE, RS (1890-1920)

Egiselda Brum Charão¹

Resumo: Poucos são os registros onde as mulheres aparecem já que são menos visíveis em virtude de sua quase ausência nos espaços públicos, entretanto existem fontes indicativas da presença das mulheres que possibilitam recuar e estreitar o silêncio relativo a atuação das mesmas nos espaços urbanos. Entre as fontes está o primeiro recenseamento brasileiro (1872) destaca que as mulheres representavam, na época, 45,5% da força de trabalho efetiva da população. Em 1900, a população feminina no mercado de trabalho correspondia a 45,3% da população economicamente ativa no país. No entanto, nos anos de 1920 e 1940 houve redução na porcentagem de mulheres inseridas no mercado de trabalho, a qual foi 15,3% e 15,9%, respectivamente. (IBGE, 2003). Partindo destes precedentes a presente comunicação pretende refletir sobre as condições sociais e o trabalho das mulheres imigrantes na cidade de Porto Alegre entre os anos de 1890-1920. A abordagem se justifica porque contribui para amenizar a omissão historiográfica pertinente as mulheres imigrantes e ressalta fontes jornalísticas, registros hospitalares e relatórios oficiais para a reconstituição histórica da imigração e da urbanização de Porto Alegre.

Introdução

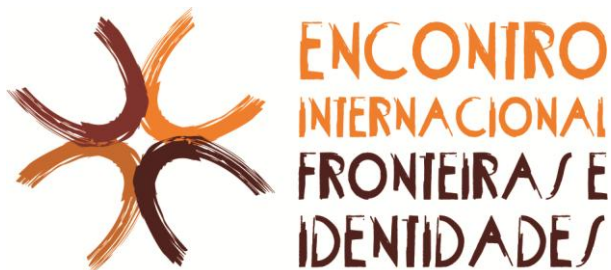
O presente artigo pretende refletir sobre as condições sociais e o trabalho das mulheres imigrantes oriundas da Península Itálica² na cidade de Porto Alegre entre os anos de 1890-1920. A investigação se justifica porque contribui para amenizar a omissão historiográfica pertinente as mulheres imigrantes e ao mesmo tempo ressalta fontes jornalísticas e autobiografias para a reconstituição histórica da imigração e da urbanização de Porto Alegre. Em termos metodológicos, o estudo parte do emprego de documentos escritos como jornais³, autobiografia e literatura secundária seguindo a metodologia de análise textual⁴ de Roque Moraes (2003).

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, financiada pela CAPES- Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, e-mail contato: gisacharao@terra.com.br

²Neste estudo se utilizará o designativo de “italiana”, para as mulheres que vieram da Península Itálica.

³Pesquisa efetuada no acervo jornalístico do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa [MCHJC]

⁴Esse método pressupõe etapas de uma análise de conteúdo que é constituída num ciclo de decomposição em três elementos – unitarização, categorização e comunicação –, ou seja, a desconstrução do texto, criação de categorias e a interpretação, que resulta em novo significado extraído das mensagens descritas (MORAES, 2003, p. 191).



Nestas fontes, se utiliza o princípio indiciário Carlo Ginzburg (1990), pelo qual se procura entender o contexto de deslocamentos a partir das singularidades que funcionam como indicações para o conhecimento novas realidades, que não são do senso comum ou tradicionais. O motivo pelo qual se escolheu este tema é que o estudo voltado para a inserção das imigrantes⁵ no trabalho fornece dados para conhecer como se processavam as formas de convívio no espaço urbano. Os dados ajudam a entender as estratégias utilizadas pelas imigrantes para se inserir no trabalho⁶, se adaptando e construindo identidades⁷ diversificadas que estão diretamente ligadas as suas relações sociais e constituem o tecido de toda coletividade visto serem

relações entre “vontades” humanas [...] conjunto de mecanismos que motivam e orientam a conduta dos homens em relação uns aos outros. Essa vontade apresenta-se sob duas formas: por um lado, a vontade orgânica, que é o domínio do concreto orgânico e afetivo traduzido pelos impulsos do coração. Por outro lado, a vontade refletida que é o domínio intelectual e abstrato e é dominado pelo pensamento. Os dois tipos de vontades opõem também, respectivamente, dois tipos de relações: a comunidade e a sociedade (TÖNNIES, 1942, p. 65).

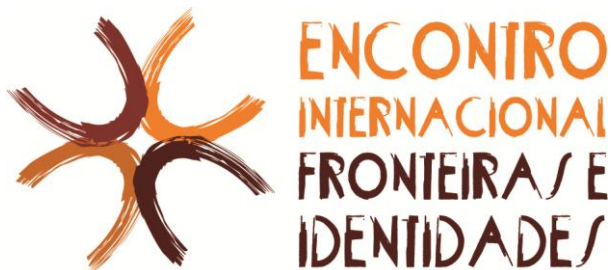
A comunidade é formada por pessoas unidas por laços naturais e espontâneos e por objetivos comuns que ultrapassam os interesses particulares dos indivíduos. Já na sociedade elas estabelecem na base dos interesses individuais, são relações de competição, de concorrência. (BRANCALEONE, 2008:103). Seguindo essa linha de pensamento os dados fornecidos auxiliam na compreensão das relações que balizavam o trânsito feminino em “locais” de convívio social e determinavam suas ações e atuações sociais dentro do espaço da cidade no período abarcado.

Imigração

⁵ Nesse estudo utiliza-se a definição de Fernando Devoto (2009, p.42-2) que envolve na categoria *imigrante* “[...] uma variedade de situações e ocupações e uma multiplicidade de motivos de imigração [...], incluindo os exilados, refugiados, profissionais liberais, artistas, especialistas”, e os casos das mulheres aqui enumerados encontram-se inseridos na dita categoria.

⁶ O conceito de trabalho em nossa sociedade na definição do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), para quem trabalho são todas as ocupações remuneradas em dinheiro, mercadoria ou benefício desenvolvidas na produção de bens e serviços, assim como qualquer ocupação remunerada no serviço doméstico e qualquer ocupação não remunerada na produção de bens e serviços desenvolvidas em pelo menos uma hora por semana. (SILVA; SILVA, 2005:404)

⁷ identidade é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992:5)



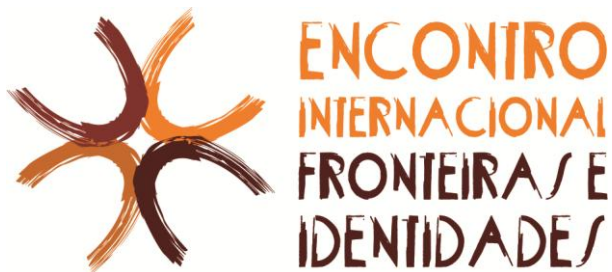
Lembra-se que nos anos que antecederam a II Guerra Mundial os deslocamentos de imigrantes ocorreram continuamente. Famílias inteiras, homens e mulheres imigravam para países da América como o Brasil. Alguns desses imigrantes se estabeleceram em zonas rurais como agricultores, outros em zonas urbanas com seus comércios, lojas, ateliers de arte, estúdios fotográficos, grupos de teatro, restaurantes, confeitarias etc. O estabelecimento desses imigrantes faz com que as funções portuárias e comerciais se intensifiquem devido ao escoamento da produção colonial que passou a acontecer nos espaços do porto e seu entorno. Com isso, acumulou-se um significativo capital vinculado ao comércio que, posteriormente, seria investido na instalação industrial. Em geral os estabelecimentos e as atividades relacionadas ao trabalho remunerado estavam associados à figura do chefe da família que se deslocava⁸ continuamente atuando como agente centralizador dos negócios entre seus países de origem e o local de chegada.

Mulheres imigrantes e trabalho

A presença das mulheres imigrantes trabalhando nos espaços urbanos de Porto Alegre já é marcante antes da I Guerra Mundial. Estas já exerciam atividades de trabalho em alguns ramos de atividades conforme sinalizam as fontes encontradas no acervo do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa. Elas apontam para a existência de mulheres imigrantes exercendo as mais variadas atividades de trabalho na capital gaúcha. Bem verdade que a crônica publicada no Jornal A Reforma, em 1870, intitulada, “O trabalho da mulher”, já sinalizava em quais os espaços e atividades aumentava expressivamente a atuação de mulheres que no período ressaltando locais e e funções em que

O trabalho da mulher está inteiramente regularizado na Europa, na Inglaterra, na Escóssia, na Irlanda, em França, na Suíça, em Portugal, na Alemanha; na Itália é importantíssima a parte que toma o sexo feminino nos trabalhos de toda a sorte de indústria. Nas grandes manufaturas de lã, algodão, ferro, nas indústrias extractivas de qualquer espécie encarregam-se de grande número de operações que outrora eram executadas só por homens (JORNAL A REFORMA, ano XI, nº 295, 21 jan 1870)

⁸ Essas mobilidades relacionadas ao trabalho demonstram a existência de uma complexa rede social entre imigrantes. As mobilidades são classificadas como deslocamentos de carreira e em cadeia. O primeiro caracteriza o indivíduo se desloca respondendo a oportunidades de ocupação de postos oferecidos por uma organização a que pertence ou associados a uma profissão que já exerce. O segundo envolve a mobilidade de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no destino. (TILLY, 1978 apud TRUZZI, 2008, p. 200).



O texto demonstrava que as mulheres já eram vistas como uma força de trabalho importante em novas frentes que se abriam decorrentes da modernidade. Também nos informa que as mulheres estão saindo de casa para exercerem atividades em espaços onde antes eram exclusivamente masculinos. Verifica-se em Porto Alegre a atuação das imigrantes inseridas em todas as instancias sociais executando trabalhos diversificados em espaços geográficos distintos conforme apura-se no levantamento documental. Foram encontrados anúncios que dão conta de presença delas desde 1870 onde predominam as germânicas, espanholas e inglesas seguidas das portuguesas e italianas.

Entre as italianas atuando no pequeno comércio encontrava-se Dna Assumpção Bertucci que adquiriu em 1891 uma Casa de Negócios de secos e molhados situada na Travessa 2 de Fevereiro (atual Salgado Filho), nº 48. “Casa de negócio”, “armazém de secos e molhados”, “venda”, “loja comercial”, “taberna”, “botequim” são algumas das denominações para referir-se a um estabelecimento que promovia transações comerciais, compra e venda de produtos diversificados, encontros para discutir sobre política, religião e falar sobre a vida dos vizinhos.

[...] podiam ser tanto um espaço de sociabilidade, na qual ocorriam jogos de carta, troca de ideias, bailes; como um local de conflito, motivado algumas vezes pela ingestão excessiva de algum tipo de bebida por alguns frequentadores, resultando em xingamentos, brigas ou desordens (VON MÜHLEN, 2014 apud AMADO, 2002: p.52-53; SPERB, 1987, p 17-18; MARTINY, 2010, p. 238).

O estabelecimento era frequentado pelos conterrâneos da proprietária que além de suprirem as necessidades matavam a saudade da terra natal em longas prosas com seus patrícios estabelecidos na capital. Provavelmente nessas prosas eles exercitassem o dialeto trazendo o som da terra natal como consolo da distância. O pequeno negócio era administrado pela família que tinha poucos empregados. Nesses locais era recorrente a utilização da mão de obra familiar, que no caso dos italianos, pressupunha uma rede de relações entre parentes. Na rede, aqueles que se encontravam estabelecidos na cidade enviavam carta de chamada com emprego garantido. Muitas vezes forneciam ajuda financeira para os que queriam vir para Porto Alegre não podiam arcar com as despesas de viagem.



ENCONTRO INTERNACIONAL FRONTEIRAS E IDENTIDADES

Ao commercio
Eu abaixo-assignada declaro que nesta data comprei aos Srs. Francisco Paulo Giannoni & C. a sua casa de negocio de seccos e molhados sita á travessa 2 de Fevereiro n. 48, livre e desembaraçada de todo o passivo.
Porto Alegre, 23 de Dezembro de 1891.
Assumpção Bertucci.
4730 — 3-3
Os abaixo-assignados declaram que nesta data venderam a D. Assumpção Bertucci a sua casa de negocio de seccos e molhados sita á travessa 2 de Fevereiro n. 48, livre e desembaraçada de todo o passivo.
Porto Alegre, 23 de Dezembro de 1891.
Francisco Paulo Giannoni & C.

Fonte: J. do Comércio 23/12/1891

O restaurant italiano *Bom Gosto*, estabelecido á rua de Santa Catharina n. 16, pertence a Magdalena Piccola, segundo declaração que faz hoje nesta folha Joanna Piccola.

Fonte: J. do Comércio nº 208 14/08/1891

Também no pequeno comércio atuava Dna. Magdalena Piccola, proprietária do Restaurant italiano *Bom Gosto*, localizado na Rua Santa Catharina, nº 46, conforme declara em nota Joana Piccola. O anúncio assevera a tradição de atividades da mulher italiana associada à culinária e à mesa. Ao mesmo tempo aponta para a existência de um nicho de consumo e de serviços destinado a comunidade procedente da península itálica. Esse local e serviço evidencia a existência de um número significativo de imigrantes na capital nesse período criando novas demandas e novas possibilidades de comércio.

Entre as imigrantes vale lembrar as que trabalhavam em casas de famílias conforme se observa no anúncio da mulher oferecendo serviços de cozinheira e outro posterior solicita uma governanta estrangeira de meia idade. Vale lembrar que as alemãs com menos recursos financeiros tinham tradição no trabalho como governantas, já as italianas eram associadas à cozinha, provavelmente este fator seja decorrente da precária instrução visto que a maioria delas vinha de zonas rurais. Muitas vezes essas mulheres ficavam viúvas ao chegarem ao Brasil ou os ao longo do percurso necessitando buscar sustento para elas e para os filhos que na maior parte das vezes eram em grande número. Como não possuíam qualificação elas buscavam colocação de “domésticas”⁹ nos quais executavam serviços pertinentes ao seu cotidiano.

⁹ Designação que indicava o trabalho da mulher nos domínios do lar como cuidar dos filhos, preparar as refeições, cuidar das roupas da família, enfim, tudo pertinente aos cuidados e a harmonia do lar enquanto ao homem cabia a manutenção financeira.



ENCONTRO INTERNACIONAL FRONTEIRAS E IDENTIDADES

GOVERNANTE — Uma senhora de meia idade, estrangeira, boa conducta, oferece-se para governante, de uma casa de viuvo ou viuva, que tenha familia. Informações na rua Commendador Azevedo n. 67.

Fonte: C. do Povo nº 54e P. Alegre 06/03/1914

Cosinheira. — Offerece-se uma italiana para casa de familia, acompanhada de uma menina. Cartas nesta typographia para A. T. 1893 3-1

Fonte: J. Mercantil P. Alegre 03 01 1891

Outras atividades recorrentes entre imigrantes eram ligadas aos trabalhos manuais isso pode ser constatado através dos seus descendentes, como o caso da parteira Pierina G. Trenti¹⁰. Em 1892 ou 1893, Domenico, Pierina e os três filhos, Giuseppe, Genebra e Carolina Canova, decidiram emigrar para o Brasil, estabelecendo-se à Rua do Parque, no Quarto Distrito, em Porto Alegre.

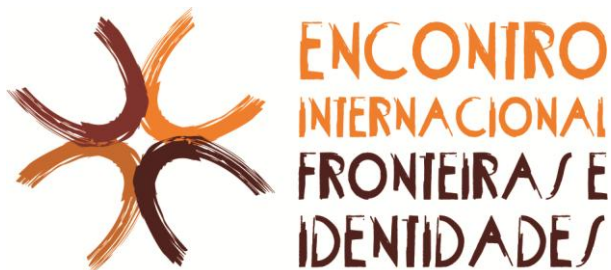
Pierina Trenti 1893 - Brasil.



Fonte: <http://pufal.blogspot.com.br/2009/11/pierina-giovanna-trenti-canova.html>

Domenico, era tecelão e sua neta Josephina Scorcioni informa que ele se empregou em uma fábrica de tecidos – Fiatece – localizada no Caminho Novo (atualmente Rua Voluntários da Pátria), esquina Avenida São Pedro e fundada em 1891. Os imigrantes

¹⁰ Pierina (Pietra) Giovanna Trenti, filha de Marco Trenti e de Catterina Sabaini. nasceu a 27 de março de 1858 na cidade de Verona, Província de Verona, região do Vêneto, na Itália. Aos 20 anos de idade, em 09 de junho de 1878 casou-se na cidade de Schio, também em Verona, com Domenico Canova, nascido em 23/10/1852 em Vicenza, Itália, filho de Giuseppe Canova e Maria Magnabosco e conforme consta em sua certidão de casamento era “*riparatrice*”. Informação compilada do blog <http://pufal.blogspot.com.br/2009/11/pierina-giovanna-trenti-canova.html>

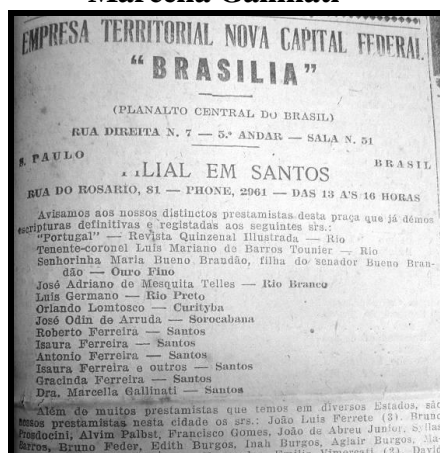


italianos também tiveram forte atuação no ramo têxtil dedicando-se à tecelagem em maior escala e dando origem a pequenas fábricas têxteis, o que faz com que a atividade perca seu caráter artesanal (CASTRO;EGGERT, 2003, p. 108).

Os primeiros anos na nova terra foram duros, com o falecimento do marido de febre tifoide, para sustentar a família, Pierina trabalhou em diversos locais, inclusive “Correios e Telegraphos”. Sendo Pierina reparatrice, ou seja pessoa que faz reparos ou costura, acreditava-se que ela tenha trabalhado nessa atividade tanto na chegada em Porto Alegre como após a morte do marido.

Outro ramo preterido foi a área da saúde, um dos nichos de trabalho das imigrantes quando vinham. Elas já traziam na bagagem alguma formação, em geral obstetria que as capacitava para realizarem partos e o acompanhamento da parturiente e do filho. Os textos jornalísticos da década de 1910-1920 mencionando as parteiras demonstravam a manutenção do perfil de diversificação étnica e a presença estrangeira marcante nas décadas anteriores.

Marcella Gallinati

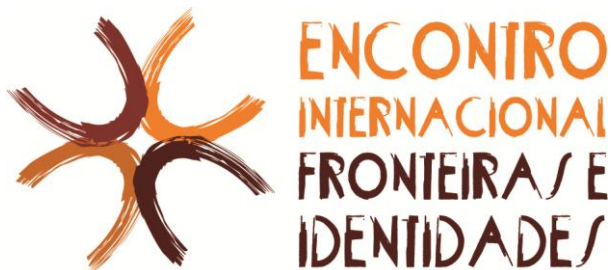


Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos284.htm>

Esses registros fazem alusão a Joanna Menhert, Emilia Nilles e Bozena Anna Weber. Também passaram a ser referidas, a partir de 1910 as parteiras Marcella Gallinati¹¹, Philomena Laner Spinato¹², Leonilda Moraes dos Santos, Guilhermina Jakobetz, Amália

¹¹ Marcella Gallinati era apresentada como diplomada pela faculdade de medicina de Porto Alegre nos tratos de clínica obstétrica e ginecologia do Hospital da Santa Casa de Misericórdia. Afirmava possuir, em 1915, oito anos de prática civil e hospitalar, estando habilitada a receber parturientes e enfermas do aparelho genito-urinário. Para tanto, oferecia cômodos confortáveis e gabinete de cirurgia em sua residência. A proximidade do Dr. Pithan no mesmo prédio era anunciada pela parteira de maneira a empregar respeitabilidade aos seus serviços, além de garantir bom trato, sigilo profissional e modicidade de preços. (CARELI, 2008, P. 4)

¹² Philomena Laner Spinato foi aprovada na primeira turma do curso de partos da Santa Casa em 1898 com distinção. Era filha de imigrantes italianos e chegou ao Brasil com dezessete anos e morou com a família no



Fauth, Maria Luiza da Conceição, Mina Boerger, Clara Weiner Brandt e Carolina. (CARELI, 2008, p.3-4)


Entre as imigrantes faz-se necessário lembrar a trajetória de Lydia Moschetti, que acima de tudo trabalhou por Porto Alegre. Nascida na região da Toscana, Itália, em 1888, imigrou para o Brasil entre 1906 e 1908 com 18 anos de idade, na companhia da mãe e de mais oito irmãos, uma vez que o pai viera antes em outra leva de imigrantes. Para se sustentar exerceu diversificadas atividades: foi professora¹³, tradutora, atriz, cantora lírica; pintora, poetisa, escritora (fundadora da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul) Dedicou-se ao longo de sua vida à filantrópica e, dentre suas iniciativas, as duas mais conhecidas são o Instituto Santa Luzia (1941) e o Hospital Banco de Olhos (1956). Lydia escreveu suas memórias em um livro intitulado “Autobiografia” em 1957. As biografias e autobiografias são narrativas de experiências vividas e quanto a essa particularidade Joan Scott afirma

que o desafio à história normativa tem sido descrito [...] como uma ampliação do quadro, uma correção da visão incompleta ou infiel, e tem buscado legitimidade na autoridade da experiência, a experiência direta dos outros, assim como a do/a historiador/a que aprende a ver e a desvendar a vida desses outros em seus textos. (SCOTT, 1999, p. 24)

No texto Lydia narra sua história de vida desde a infância até o final da década de setenta. Nele se aprecia passagens onde ela descreve algumas atividades de trabalho por ela exercidas quando chegou ao Brasil. A imigrante relata que quando veio para o Brasil estava para ocupar um posto de professora. Desembarcam no Rio de Janeiro após dois meses de viagem na terceira classe, para continuar viagem pouco tempo depois para Santos. Com as irmãs, empenhou-se em trabalhos de costura e bordados, ensinou italiano para os patricios que falavam só dialetos. Após juntar algum dinheiro mudou para São Paulo, lá lecionou em casa de famílias italianas escreveu para o jornal em língua italiana *Il Fanfulla*.

Campo dos Bugres até 1910, quando encontrando-se em condição de viuvez, mudou-se com os filhos para Porto Alegre, vivendo do seu ofício de parteira (BRANDÃO, 1998, P. 87)

¹³ Verifica-se a partir do final do século XIX o aumento da parcela das mulheres que experimentaram e vivenciaram o trabalho docente na cidade e isso pode ser verificado na proliferação dos anúncios nos jornais que discriminavam os serviços oferecidos pelas professoras. Através de variadas representações e práticas sociais, e de uma multiplicidade de trajetórias e experiências, entende-se que algumas mulheres, fazendo-se professoras, buscaram exercer, por necessidade, econômica ou não, uma profissão, atuando na esfera pública (SCHUELER, 2005, p. 6-7)



ENCONTRO INTERNACIONAL FRONTEIRAS E IDENTIDADES

Lydia recorda que escrevia crônicas e impressões sobre o Brasil, onde descrevia a vida, o panorama, as mentalidades e o modo de viver. Para tanto ganhava cinco mil reis por publicação e recorda que seu diretor era o Jornalista Humberto Serfueri (MOSCHETTI, 1975, p. 159)



1- Lydia Moschetti¹⁴ - Hospital Banco de Olhos. 2- Instituto Santa Luzia

Foto: Floriano Bortoluzzi, BD, 15/ 02/ 1967.

Fontes: <http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2012/08/07/a-vida-e-para-ser-vencida/>
<http://somostodosresponsaveis.blog.com/2011/01/06/grandes-exemplos-de-mulheres-dna-lydia->

Lembra que empregou-se casa que com a francesa Madame Doré que vendia serviços e produtos de toucador, ali aprendeu a fazer permanente, lidar com perucas e ser manicure. Voltou a exercer a função de professora com os filhos da prestigiada família do Comendador Puglisi. Também organizava as festas que eram oferecidas pela mesma família à alta-sociedade paulista, à personalidades e artistas. Costumava abrilhantar as recepções entoando canções italianas.

Como cantora fez tournês pela Argentina, Chile, Uruguai e Brasil até conhecer Luiz Moschetti quando casou-se na igreja de Nossa Senhora das Dores, em Porto Alegre, na década de 1920. A partir de então, Lydia se dedicou a filantropia e a literatura em ações que beneficiaram a sociedade Porto alegreense.

Considerações

Contata-se nesta investigação que entre os anos de 1880 e 1920 as mulheres imigrantes integraram-se economicamente na nova sociedade onde encontraram um grande

¹⁴. Lydia, teve uma intensa produção literária entre as quais se destacam: A sobrinha do Cardeal (1940), A vida é um ponto de “?” (1941), Um baile uma vida (1944), No altar da Caridade (1946), A morte das Ilusões (1948), Poesias Esparsas (1969), Conferência sobre as Sanções Italianas (1935), Delinquência Infantil e sua Recuperação (1955), Catálogo da Grande Exposição de Escritores e Poetas das Américas e Europa; e Autobiografia (1969). Disponível em: <http://www.oriundi.net/site/oriundi.php?menu=noticiasdet&id=19578> Acesso 11 dez 2012.

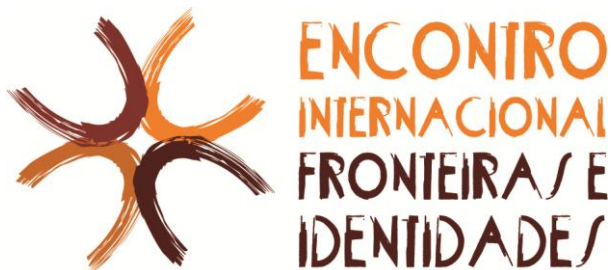


número de patrícios já estabelecidos com a preferência no mercado de trabalho. A partir das fontes entende-se que um número significativo de imigrantes eram proprietárias de comércio onde se destacam D.Assumpção Bertucci, Dna. Madalena Piccola. Por outro lado se deduz que executavam atividades de menos “valia”, pertinentes as camadas menos favorecidas como de governantas, cozinheiras, costureiras e parteiras de prática. Também é possível afirmar que se sobressaiam as imigrantes trabalhando em atividades que requeriam determinado grau de instrução e qualificação como as obstetras formadas em escolas na Europa e em Porto Alegre, as professoras, as contadoras de firma, as escritoras e as artistas. Ressalta-se que estas mulheres eram na maioria alemãs com exceção para as italianas que tivessem vindo das cidades a exemplo de Lydia Moschetti.

Constata-se que um número significativo de imigrantes que exerceram atividades em espaços públicos por que ficaram sem os maridos. Eles proviam o sustento da casa e na ausência deles, as mulheres precisavam suprir as necessidades da família e da prole como D. Pierina, a parteira Philomena Laner. Nesse grupo também pode ser incluída Dna Lydia que no exercício de múltiplas atividades teve seu trânsito social garantido enquanto ajudava no sustento da família.

Para concluir pode-se dizer que como estratégia de inserção social as imigrantes lançavam mão de artifícios como a propaganda na imprensa. Ao divulgarem seus negócios e aptidões elas reivindicavam seu lugar e sua visibilidade como indivíduos produtores de bens e serviços que encontram espaços em uma sociedade em desenvolvimento. Provavelmente nunca se conhecerá o desfecho da história das mulheres aqui arroladas, entretanto, os documentos que fazem referências a elas permitem traçar um mapa relativo aos espaços nos quais elas transitaram e os cenários de trabalho nos quais atuaram.

A invisibilidade imposta a grande maioria das mulheres imigrantes fez com que as lembranças relativas às suas histórias se esvaneceram nos vãos da história deixando um enigma sobre suas vidas. Contudo, muitas imigrantes possibilitaram através de registros deixados - vestígios guardados nos arquivos dos museus que ainda podem ser perseguidos - a reconstituição de suas trajetórias de vida.



Referências

BRANCALEONE, Cassio. **Comunidade, sociedade e sociabilidade**: Revisitando Ferdinand Tönnies. Revista de ciências sócias. Vol. 39, nº2, 2008

BRANDÃO, Nadja dos Santos. **Da tesoura ao bisturi, o ofício das parteiras 1897-1967**. 1998. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: PUC-RS/PPG História, 1998, p. 87)

CARELI, Sandra da Silva. **As transformações no ofício de partejar nas décadas iniciais da República no Rio Grande do Sul**. 2008. Disponível em: http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212240040_ARQUIVO_ANPUH2008.pdf Acesso 04 09 2014.

CASTRO, Amanda Motta Angelo; EGGERT, Edla **Notas sobre o trabalho de mulheres tecelãs: brasileiras no fio da invisibilidade**. Rev. Ed. Popular, Uberlândia, v. 12, n. 1, p. 100-111, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/viewFile/20290/12517> Acesso 11 set 2014.

DEVOTO, Fernando. **Historia de La inmigración em La Argentina**. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.p.41-2

GINZBURG, Carlo. **“Sinais: raízes de um paradigma indiciário” IN Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. **A formação do indivíduo nas relações sociais: Contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet**. Educação & Sociedade, ano XXI, nº 71, Julho/2000

MORAES, Roque. **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva**. Ciência & Educação, Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003

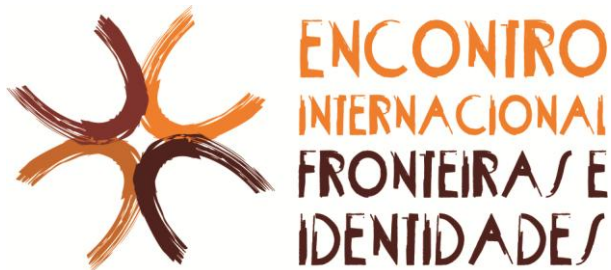
SCOTT, Joan W. Experiência. In: SILVA, Alcione da. *et alli*. **Falas de Gênero**. Florianópolis, Ed Mulheres, 1999, pp.21-55.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de, . **O Rio de Janeiro oitocentista, suas escolas e seus professores (1854-1890): notas de pesquisa**. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História da ANPUH, Londrina, 2005.

TÖNNIES, F. (1942). **Principios de Sociologia**. México: Fondo de Cultura Económica. [1931].

TRUZZI Osvaldo. **Redes em processos migratórios**. *Tempo Social*, Revista sociológica da USP, São Paulo, v. 20, n. 1, p.299-218, 2008.



VON MÜHLEN Caroline. “**Levantou-se dentro da sala forte barulho seguido de gritos e choro...**”: a venda como espaço de transações comerciais e desentendimentos (São Leopoldo/1846-1865). Disponível em <http://ephispuers.wordpress.com/st-7-imigracao-e-imigrantes/> Acesso em 10 set 2014.

Fontes primárias

J. A Reforma, ano XI, nº 295, Porto Alegre, 21 jan 1870, [MCHJC]

C. do Povo nº 63, P. Alegre 17 março 1914, [MCHJC]

C. do Povo nº 54, P. Alegre 06/março/1914, [MCHJC]

J. do Comércio, P. Alegre, 23 /dezembro/1891, [MCHJC]

J. do Comércio, P. Alegre nº 208 14/ 08 /1891, [MCHJC]

J. Mercantil Porto Alegre 03/ 01/1891, [MCHJC]

MOSCHETTI, Lydia. **Autobiografia**, Porto Alegre: s/editora, 1970.

Fontes virtuais

GALLINATI, Marcella. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos284.htm>

MOSQUETTI, Lydia. Disponível em: <http://somostodosresponsaveis.blog.com/2011/01/06/grandes-exemplos-de-mulheres-dna-lydia->

_____ Disponível em <http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2012/08/07/a-vida-e-para-ser-vencida/>

_____ Disponível em <http://www.oriundi.net/site/oriundi.php?menu=noticiasdet&id=19578> Acesso 11 dez 2012.

PIETRA, Pierina. Disponível em: <http://pufal.blogspot.com.br/2009/11/pierina-giovanna-trenti-canova.html>